

conseguido me expressar, sei que não foi uma aula excepcional em relação ao uso de recursos didáticos, mas pelo estado de nervos no qual me encontrava consegui realizar uma boa aula. Meu êxito foi fruto do apoio da professora Marisa e de Deus.

Guarabira 29 de Outubro de 2009

Plano de aula

(Turma do 2ºano Médio)

1. Objetivo geral:

- Discutir a escravidão no Brasil.

2. Conteúdo Programático:

- Escravidão Urbana,
- Democracia racial;
- Cultura afro-brasileira.

3. Metodologia:

- A aula expositiva dialogada tendo como recurso fichas com as temáticas escritas, gravuras de negros, música “Negro Nagô”. A partir desses recursos abordaremos o conteúdo programático e promoveremos discussão.

4. Avaliação:

- A avaliação será com base na participação do aluno em sala de aula, sendo está analisada a partir dos critérios de clareza, objetividade e capacidade de argumentação; e na resolução de atividade em casa a ser entregue na aula seguinte.

Atividade Avaliativa

1. com base no assunto estudado em sala, qual a visão que você por democracia racial?
2. Descreva quais são os aspectos africanos mais presentes na nossa cultura?

Música: Negro Nagô

Eu vou tocar minha viola. Eu sou um negro cantador.
O negro canta, deita e rola, lá na senzala do Senhor.

Dança aí nego nagô! Dança aí nego nagô!
Dança aí nego nagô! Dança aí nego nagô - ô - ô - ô - ô ...

Tem que acabar com essa história, do negro ser inferior.
O negro é gente e quer escola, quer dançar samba e ser doutor.

O negro mora em palafita, não é culpa dele não senhor.
A culpa é da abolição, que veio e não o libertou.

Vou botar fogo no engenho aonde o negro apanhou.
O negro é gente como o outro, quer ter carinho e ter amor

II – Segunda Etapa do Estágio

Em Fevereiro de 2010 iniciou-se o segundo semestre da turma 2005.2. A professora Marisa, responsável pela orientação e coordenação do estágio, programou aulas que encheram, a mim e aos meus colegas, de determinação, informações e vontade de colocar em prática tudo o que aprendemos durante o curso.

Essas aulas foram desenvolvidas através de debates acerca de textos sobre prática de ensino, metodologia, planejamento. Em seguida, tivemos um encontro com os professores Eltern Campina e Paula Rejane. Aquele falou sobre como um historiador pode desenvolver sua pesquisa, as possibilidades de fontes de investigação, os temas diversos. Já Paula Rejane falou sobre o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mais precisamente, a respeito da elaboração de artigo e monografia.

Outra aula muito interessante e que certamente me ajudou nas aulas do estágio foi a de técnica vocal ministrada por um professor de canto convidado por Marisa. Nessa aula, o professor deu diversas dicas de como empregar a voz em uma sala com muitos alunos e como segurar o mesmo timbre de voz durante toda a aula. Também foi importante ouvir o depoimento de uma professora de João Pessoa contando sobre suas experiências em sala de aula. Muitos dos seus relatos traziam exemplos de enfrentamento das dificuldades como docente e como pessoa, tomei os mesmos como modelo de superação como ser humano e profissional.

Entre essas apresentações, assisti às aulas ministradas por Marisa. Durante as mesmas, a professora discutia assuntos voltados à prática de ensino, conversava com toda a turma sobre a importância da realização do estágio e falava da importância de acreditarmos no que fazíamos, essas palavras foram motivadoras na hora de me colocar na frente da turma e ministrar minha aula. Marisa também falava sobre sua trajetória acadêmica tanto como aluna quanto como professora. E sempre mostrava a necessidade de abraçar os enfrentamentos ao invés de recuar. Naquela circunstância, meu maior enfrentamento era o estágio.

Ele foi reiniciado no dia 10 de maio de 2010, na Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho. No primeiro

dia de retorno à escola não fui para ministrei aula, pois não estava escalada, mas para observar o ambiente e conversar com a professora regente sobre o tema da aula a ser ministrada por mim.

Ao chegar à escola, encontrei com uma das minhas colegas de estágio e ficamos aguardando as professoras Marisa Tayra e Fátima Rufino saírem da sala de aula. Enquanto esperava, notei uma movimentação diferente dentro da escola por parte de algumas alunas e uma em especial despertou a minha atenção, pois a mesma conversava com a secretária da escola em um tom de voz altíssimo. Em meio ao diálogo, escutei a aluna dizendo detestar todos os estagiários e ter nojo deles. Eu e minha colega nos olhamos, perguntei a ela se conhecia a aluna e qual a turma que cursava. A jovem cursava o 8º ano e eu estagiaria em sua turma. Fiquei um pouco preocupada, mas busquei não pensar nisso naquele instante.

O sinal tocou e fui para a sala juntamente com Joás, que havia chegado a pouco tempo, e minha colega. Entramos na sala da aluna queixosa. Joás ministraria aula naquela noite, enquanto preparava os papéis para iniciar sua fala, a garota entrou agitada e falando mal dos estagiários. Para entender o porquê da raiva e tentar acalmá-la, eu e meus colegas conversamos com ela. Indagamos o motivo da revolta, segundo a aluna, não sabia o porquê, só sabia que tinha raiva dos estagiários, nesse momento corrigiu-se e disse, das estagiárias. Pelo desejo dela, só teria professores. Seu comportamento agitado fez-me pensar que se tratava de uma jovem sem muitas perspectivas de vida e de crescimento.

Ao longo da conversa, percebi que sua raiva não era contra os estagiários, mas contra a pouca atenção que os colegas ultimamente davam a ela. Durante as aulas ministradas por nós, os discentes ficavam atentos e participavam das discussões ao invés de participar das brincadeiras em sala lideradas pela garota. Depois de alguns minutos de diálogo, ela pareceu um pouco mais calma. O sinal tocou novamente, despedi-me da turma, Joás ficou para ministrar a aula, e eu sai. Procurei as professoras Marisa e Fátima, conversei um pouco com elas sobre o acontecido. Ao terminar a conversa, voltei para UEPB.

Voltei à escola no dia 13 de maio de 2010, numa quinta-feira, para ministrar a minha primeira aula do segundo semestre, dessa vez estava mais

tranqüila em relação ao primeiro semestre. De acordo com o cronograma, eu estava escalada para desenvolver a segunda e terceira aula, então fiquei aguardando o sinal tocar na sala dos professores, enquanto aguardava estava um pouco apreensiva. Apesar da apreensão e da pontinha de ansiedade, tinha certeza que daria tudo certo, pedi a Deus coragem. Dentro de alguns instantes, o sinal tocou, ao ouvi-lo desloquei-me para a sala de aula. E ao entrar nela, simplesmente todo o nervosismo e o medo passaram. Aproveitei a minha segurança para apresentar-me a turma e iniciar a aula. Escrevi no quadro os tópicos da aula e distribuí o material didático preparado por mim.

Nessa aula, passei por uma situação diferente das que eu já havia passado antes, alguns alunos me assediaram. Inicialmente, fiquei um pouco tímida inclusive sem saber o que fazer, sendo assim, fingi não ouvir e esperei que parassem. Não pararam, então resolvi assumir uma posição mais firme e profissional, falei que estava ali com um objetivo profissional e não de paquerar, sendo assim, meu objetivo em sala era ministrar as aulas, orientar os alunos e retirar as dúvidas a respeito do assunto. Enquanto falava, olhei para os alunos e percebi que a garota da discussão não estava presente. Depois de ouvirem isso, os comentários cessaram e pude começar de fato a aula sobre Revolução Industrial.

Comecei a abordar o tema, para convidá-los a discussão pedi que se apresentassem e dissessem se trabalhavam, caso sim, falassem um pouco do local. Ao passo que a apresentação transcorria, percebi tratar-se de uma turma bastante inquieta e agitada. Alguns alunos faziam piadinhas apontando para os colegas de sala e falando que viviam do tráfico de drogas. Ouvi as piadas e fiquei olhando para a turma buscando saber se tratava apenas de uma pilhéria ou era verdade. Percebi que a maioria da turma não tinha ocupação profissional, os alunos que trabalhavam demonstravam um interesse maior em se desenvolver na aula. Suas diferentes ocupações poderiam me servir de exemplo durante a aula, e realmente me ajudaram a explicar sobre a Revolução Industrial.

Redirecionei as falas para discutir sobre o significado de revolução. Perguntei aos alunos o que entendiam por revolução. Alguns falaram de modo envergonhado e outros mais a vontade. Teve um rapaz chamado Júlio César que disse que a palavra revolução significava transformação. Parabenizei a

turma pela participação, discutir a ideia de mudança pegando o ponto de que o século XIX foi marcado por transformações rápidas como até então não se havia visto.

Prossigui a discussão só que agora em torno da palavra industrial; perguntei de derivava, eles responderam que era de indústria. A partir desse ponto iniciei uma breve introdução, para facilitar a explicação, escrevi no quadro uma linha temporal localizando o começo da Revolução Industrial Inglesa. Enquanto contextualizava o assunto, percebi um interesse muito grande por parte dos alunos, talvez pelo fato de que nos dias atuais, seja necessário saber contextualizar para poder entender alguns filmes, músicas, novelas e fazer pesquisa na internet.

Depois disso entramos no debate a respeito das etapas da Revolução Industrial, as mudanças ocasionadas na Inglaterra e nos demais países europeus. Dentro dessas circunstâncias analisei juntamente com os alunos o contexto histórico. Discutimos também sobre os avanços tecnológicos e como os mesmos contribuíram para as transformações na produção fabril, na noção de tempo e espaço. Para facilitar o entendimento citei exemplos e os illustrei com imagens.⁷ Em seguida, os alunos leram individualmente trechos do texto entregue por mim no começo da aula, a partir dessa leitura iniciei uma nova discussão.

Perguntei aos alunos se estávamos vivendo uma nova revolução, qual seria e em que etapa encontrava-se, tais indagações causaram divergências de opiniões. Alguns diziam que vivíamos uma nova revolução industrial, outros não. Diante das respostas perguntei sobre a indústria eletrônica e as mudanças ocasionadas por elas em nossas vidas, como exemplo de mudança citei o uso da internet drasticamente nossa noção de tempo, espaço e realidade, pois criou um mundo virtual. A partir disso, os discentes começaram a falar que estávamos vivenciando um momento de transformações, pois a indústria de celulares e eletrônicos crescia aceleradamente. A discussão prosseguiu e em meio à mesma sempre aconteciam comentários engraçadinhos partidos de um grupinho de amigos que gostavam de chamar atenção.

⁷ As imagens encontram-se no final da Segunda Parte do Relatório.